

## A ODISSEIA DO ENTARDECER REVISITADA

Luís Cláudio Figueiredo,<sup>1</sup> São Paulo

lclaudio.tablet@gmail.com

### Resumo

Tomando como mote a ideia de uma “lanterna na popa” desenvolvo uma tentativa de compreensão do que as experiências, tanto na vida como na clínica psicanalítica, podem nos oferecer com sua iluminação retrospectiva: não é ciência e saber, mas uma certa sabedoria para navegar na escuridão e na incerteza.

Palavras-chave: lanterna na popa, visão retrospectiva, velhice, sabedoria

### The odyssey of the sunset revisited

Abstract: Taking as a motto the idea of a “lantern at the stern” I develop an attempt to understand what the experiences, both in life and in the psychoanalytic clinic, can offer us with their retrospective illuminations: it’s no Science and knowledge, but a certain wisdom to navigate darkness and uncertainty.

Key words: lantern at the stern, retrospective vision, old age, wisdom

### Preâmbulo

Em 1994, aos 77 anos, Bob Fields (1917-2001) publicou suas memórias biográficas e documentais com o título de *Lanterna na popa*. Bob Fields foi um importante economista, político, diplomata e escritor, tendo sido eleito para a ABL. É avô do atual presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto. Só ouvi elogios ao livro e suas qualidades literárias, documentais e analíticas. No entanto, nunca o li, mas desde que foi lançado encantou-me o título: “lanterna na popa”. Hoje vou seguir a sugestão desse título para minhas considerações.

### Como funciona uma lanterna na popa e para que serve?

A lanterna na popa produz um efeito como o da significação *nachträglich* de que fala Freud, o *après-coup* dos franceses, ou o *a posteriori*, conforme diriam os latinos.

A lanterna na popa é fundamental nos processos de luto e de elaboração das perdas permanentes, contínuas, incessantes que nos acompanham desde o início da vida e pela vida toda: viver é ir perdendo pela vida afora, como no poema de Elizabeth Bishop “Uma arte”, também traduzido como “A arte de perder” (leitura da tradução de Maria de Lourdes Figueiredo).

1 Psicanalista, membro do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, professor aposentado da USP e professor da pós-graduação em psicologia clínica da PUC-SP.

Essa tradução nunca foi publicada, e a tenho na forma de um manuscrito. Minha mãe não a datou, mas me foi entregue pouco depois de meu exílio político no Chile.

A escuridão permanece na proa, mas com o tempo e aos poucos vão se aceitando melhor, e com menos angústia e sofreguidão impaciente, as incertezas e as perdas: já não se buscam furiosamente evidências e razões, direções e caminhos preestabelecidos, roteiros para a navegação; e aceitam-se também melhor as perdas, pois o que se vê à luz da lanterna na popa são coisas em processo de perda permanente à medida que o navio prossegue seu caminho, sempre nas trevas.

Nesse “navegar é preciso” há necessidade de fé na própria navegação e confiança em um certo “radar” para navegar nas brumas sem se perder, mas também sem muito se encontrar, sem se acidentar seriamente, mas nunca certo de que o risco foi definitivamente evitado e o porto seguro, onde quer que esteja, se é que existe um porto seguro nessa jornada, se aproxima.

Ou seja, a lanterna na popa mostra *fugazmente o passado sempre passando* e se esfumando na neblina e na escuridão, o que reforça o senso de transitoriedade numa vaga compreensão *après-coup* da vida e do passado que passa.

A fugaz e imperfeita compreensão *a posteriori* nunca se dá no presente absoluto, vem sempre um pouquinho atrasada (ou muito atrasada, como quando se ouve uma piada e só se compreende e ri horas depois, ou como naquele personagem ofendido de Jô Soares que só conseguia revidar o desaforo depois de muito tempo, fora de hora e de contexto; na TV o efeito era cômico, mas não vida não dá para achar graça nessa “presença de espírito” tão atrasada).

### **O psicanalista em sessão**

O trabalho do psicanalista em sessão e ao longo de uma série de sessões também depende de sua lanterna na popa, escutando de olhos fechados ou semicerrados e prescrutando o que vem ao encontro e se aproxima numa grande escuridão, mas podendo aprender, *a posteriori*, com o que consegue divisar do que se passa e continua passando, sem poder ser plenamente compreendido e nunca sendo de fato *capturado* por uma compreensão antecipada.

### **O psicanalista envelhece**

O que os anos de navegação às escuras podem trazer de bom para o analista em sessão?

Ele pode aprender a refinar continuamente o seu radar e a confiar mais nele (sabendo, contudo, que o radar não *vê*, apenas *detecta indícios, vultos*).

Mas pode também aprender a aceitar melhor a escuridão e as incertezas, os vultos mais ou menos detectados e pressentidos que acionam sua capacidade de *sonhar*.

Pode também apreciar mais os riscos e o senso de aventura de uma navegação sem memória, sem desejo e sem compreensão prévias, sem dogmas teóricos que cegam quando ofuscam, lançando luz em demasia. Aliás, cabe sublinhar que há duas modalidades de cegueira: a cegueira da escuridão e do lusco-fusco, que beneficia nossa escuta e atenção flutuante (como já o sabiam Freud e Bion), bem como nossa capacidade de reveries, e a cegueira da iluminação excessiva que ofusca e nos paralisa. Essa é a pior cegueira, a dos que preferem alucinar.

Pois há também riscos no envelhecer: os acúmulos de uma suposta compreensão antecipada e uma certa impaciência arrogante, como na bela canção de Tom Jobim e Chico Buarque: “já conheço os passos dessa estrada, sei que não vai dar em nada, seus caminhos sei de cor”. Muito linda a canção, mas, se um analista em seu ofício se sente identificado com ela, está perdido o trabalho de escuta e sonho.

As coisas que se mostram iluminadas pela lanterna na popa não duram nem se acumulam, elas passam, se perdem, são transitórias, e a proximidade da morte – quando os lutos não foram acontecendo dia a dia (“Perca um pouquinho a cada dia...”, ensina Bishop na tradução de Paulo Henriques Brito) – pode acionar defesas de negação que congelam os processos que impõem e exigem o reconhecimento da transitoriedade e um bom envelhecimento.

### **Uma confissão**

Para terminar, uma confissão: já sou velho, mas o que mais desejo para mim e para os velhos amigos velhos é que envelheçamos um pouco mais, aliás, envelheçamos, na verdade, muito mais, mas sabendo muito menos, salvo o que se mostra de forma rápida e efêmera quando iluminado por nossa lanterna na popa. Mas esse é um saber que não dura nem se acumula, ele vai se dissipando à medida que o navio navega na obscuridade. O que esses saberes esvanecentes deixam de legado é sabedoria, e não *ciência*.

### **Para terminar**

Tendo começado com Roberto Campos e sua lanterna na popa, e atravessado com Elizabeth Bishop (e minha mãe) “Uma arte”, chegamos a Federico Fellini: *E la nave va*.

Ao que acrescento: *E la nave va nell’oscurità e nell’incertezza, ma felice*.

Mas por que feliz, perguntarão?  
 Feliz porque a viagem está sendo longa e proveitosa, o que me faz  
 lembrar Kaváfis e seu poema “Ítaca”:

*Ítaca*

*Se partires um dia rumo a Ítaca,  
 faz votos de que o caminho seja longo,  
 repleto de aventuras, repleto de saber.  
 Nem Lestrigões nem os Ciclopes  
 nem o colérico Posídon te intimidem;  
 eles no teu caminho jamais encontrarás  
 se altivo for teu pensamento, se sutil  
 emoção teu corpo e teu espírito tocar.  
 Nem Lestrigões nem os Ciclopes  
 nem o bravio Posídon hás de ver,  
 se tu mesmo não os lewares dentro da alma,  
 se tua alma não os puser diante de ti.  
 Faz votos de que o caminho seja longo.  
 Numerosas serão as manhãs de verão  
 nas quais, com que prazer, com que alegria,  
 tu hás de entrar pela primeira vez um porto  
 para correr as lojas dos fenícios  
 e belas mercancias adquirir:  
 madrepérolas, corais, âmbar, ébanos,  
 e perfumes sensuais de toda a espécie,  
 quanto houver de aromas deleitosos.  
 A muitas cidades do Egito peregrina  
 para aprender, para aprender dos doutos.  
 Tem todo o tempo Ítaca na mente.  
 Estás predestinado a ali chegar.  
 Mas não apresses a viagem nunca.  
 Melhor muitos anos lewares de jornada  
 e fundeares na ilha velho enfim,  
 rico de quanto ganhaste no caminho,  
 sem esperar riquezas que Ítaca te desse.  
 Uma bela viagem deu-te Ítaca.  
 Sem ela não te ponhas a caminho.  
 Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.  
 Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.  
 Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,  
 e agora sabes o que significam Ítacas.*  
 (Tradução de José Paulo Paes)

Uma Arte (sobre o poema "One Art," de E. Bishop)  
 Será mais ou menos livre)

A arte de perder, dirá, não é difícil,  
 Pois tantas coisas há que a moldam, desde o  
 [início  
 Que surpresa não traz, a perda, e nem espanto.  
 Desastre não será, por certo, eu te garanto.

Exercitemos: se as chaves tu perderes,  
 Não te perturbes. E as horas que se vão, fugidas,  
 Desastre não serão, por certo, eu te garanto.

Pratica perder sempre, mais e mais depressa,  
 Nomes, lugares, rumos e vê que qualquer perda  
 Desastre não trará, sou eu que te garanto.

Perdi, de minha mãe, relógio de valor,  
 A última casa, de três, que me restara  
 Perder não é difícil, <sup>isso</sup> eu te garanto.

Perdi lindas cidades (duas) e, pior,  
 Vários reinos, dois rios, todo um continente ...  
 Senti, mas desastre não foi, isso eu garanto.

E mesmo se te perco e que essa voz travessa  
 E um gesto amado teu eu já não mais mereça,  
 Um desastre não é, por certo, eu te garanto,  
 Embora (escreve) possa parecê-lo — e quanto!

— Luís Cláudio Figueiredo